Transcrição a partir dos 35 minutos da parte 2.

Mas o que parece que acontece com a personagem – porque o autor não está simplesmente descrevendo o estado de um moribundo –, é que a personagem vai, durante esse tempo todo do transcurso da doença, vai mudando de comportamento, vai mudando de valores, vai percebendo coisas sobre o mundo que não percebera então.

Então, começando do início, no tempo em que ele vivia sua vida de expectativa sobre o mundo, de um comportamento coordenado e conexo entre os diversos valores do mundo...porque todo mundo espera isso, tanto é que todo mundo imagina pra si uma vida assim.

“Ah, eu vou fazer faculdade, depois vou arrumar um emprego, depois eu vou casar, depois eu vou comprar um automóvel, depois vou comprar uma chácara, depois vou comprar um apartamento na praia, depois meus filhos vão fazer vestibular, eu vou pagar cursinho pra eles, depois eles vão ser...”

Não é isso que as pessoas esperam da vida? Uma coisa assim. Como se todo mundo imaginasse que a vida sempre se resolveria bem nesta seqüência de eventos – e não há nenhum mal em pensar assim.

No entanto, se você for pensar bem nesta circunstância em que ele vivia, o autor tenta nos mostrar que independentemente da conveniência ou não daquela vida, é uma vida feita num certo grau de inconsciência. É uma vida assim meio inconsciente, que é o que caracteriza uma vida como essa, uma vida de alguém que vê a vida como uma somatória de fatos que todo mundo faz e que irão mais ou menos garantindo a sua vida.

No entanto, a maior de todas as inconsciências que Ivan Ilitch tem naquele momento é a inconsciência da possibilidade da morte, porque o advento da morte é tão impactante quanto menos você o espera. Portanto se o advento da morte parece ser tão terrível como foi para Ivan Ilitch, isso é uma demonstração de que a última coisa que ele esperava era morrer. Porque é como o próprio autor no começo nos diz, porque para os amigos de Ivan Ilitch a idéia da

morte não os tocava: “Foi o Ilitch que morreu, não fomos nós que morremos”. Do mesmo modo, é o outro que morre, é o Caio que morre, e não é Ivan Ilitch que morre, não é José Monir que morre. Não é ninguém especialmente a não ser a personagem teórica da história, o exemplo que o professor deu na aula de Filosofia.

Você tem aí então uma grande inconsciência da morte. E se você for perceber bem, talvez não exista nenhuma espécie pior de loucura. Talvez o modo mais louco de alguém proceder na vida seja esse mesmo, porque é uma tentativa de fazer de conta que não existe aquilo que parece mais real do que o seu próprio nascimento. Porque o seu nascimento é uma hipótese lógica: como você existe, deve ter nascido.

Mas a morte é alguma coisa que você vai vivenciar conscientemente. Porque o seu nascimento você não lembra bem como foi. Você tem uma certa idéia de que bateram em você – benignamente –, que você chorou, mas isso é alguma coisa meio teórica. Você não lembra como era quando você tinha dois anos, lembra?

No entanto, a morte virá no máximo da sua consciência, de alguma maneira a morte é mais real e concreta do que o seu nascimento, que é uma coisa que você “take for granted”, como se diz em inglês, você dá como um acontecimento meio que automático na vida. Mas a morte não é assim. A morte parece mais real que o nascimento, embora os dois obviamente tenham que ter a mesma existência concreta. Mas a morte parece mais real que o nascimento.

No entanto, o Ivan Ilitch não é uma pessoa que tenha consciência dessa possibilidade. Não é só o Ivan Ilitch, quase ninguém tem. Ninguém pensa na morte todo dia, na sua própria morte. Se você tem perto de você uma pessoa que está muito mal de saúde, você sim, mas sempre por contraste à sua não-morte: não sou eu que estou ali, é outra pessoa que vai morrer, eu não.

Então a morte é como se fosse um assunto proibido, como alguém que tem uma pessoa na família que é louco perigoso e que ninguém fala dele, como aquele assunto que é muito próximo, mas é ao mesmo tempo proibido.

O nome disso que nós fazemos com a morte é tabu. Tabu é um assunto que é proibido. A expressão tabu foi popularizada pela psicanálise. Então há determinadas coisas que são proibidas coletivamente, como o incesto, por exemplo, que é proibido em quase todas as culturas em situações normais. Tabu é essa idéia de que há alguma coisa que é proibida, e o tabu do mundo moderno é a morte. Já foi o sexo, mas o sexo não é mais de modo nenhum, tanto é que você não consegue ligar a televisão de noite que não tenha uma prostituta contando as suas aventuras sexuais. É uma coisa obrigatória em qualquer programa de auditório que os entrevistados sejam prostitutas, travestis, cafetões e, enfim, variações.

Então o sexo deixou de ser tabu, mas a morte é um tabu. A morte é um tabu porque parece horripilante a essa maneira como nós enxergamos o mundo hoje, que vê a morte como a interrupção de alguma coisa.

Mas, se eu disse a vocês que não considerar a morte é uma espécie de loucura, eu também preciso dizer a vocês que não há nenhuma possibilidade de perceber e refletir sobre o mundo a não ser quando você de alguma coisa...você se abstém de agir. Porque a única possibilidade de raciocinar sobre o mundo e entender alguma coisa depende da abstenção da ação. Porque a ação não permite que você faça nenhum ato de reflexão.

É por isso que você não consegue de fato entender a sua vida a não ser em um contexto em que você, por uma razão ou outra, leva uma trava da vida. Ou porque você perde o emprego, ou porque você fica doente numa cama, ou porque caiu o avião e você ficou numa ilha deserta por dois anos...não é isso?

Também essa é a razão pela qual, de modo geral, as interpretações sobre as guerras do mundo são melhor dadas pelos vencidos do que pelos vencedores, porque os vencidos, como têm que parar pra pensar por que perderam, tendem a ter um poder de relatar com mais precisão o que aconteceu do que os vencedores, que estão mais preocupados nas ações correspondentes à vitória, que é basicamente usufruir do patrimônio, da mulher dos outros, usufruir

de um modo vândalo dos benefícios da vitória, e os que perderam têm tempo então pra pensar por que que perderam.

Então há também uma outra regra que parece ter sido aplicada ao Ivan Ilitch. O Ivan Ilitch só conseguiu pensar um pouco na vida quando a sua carreira é interrompida. Claro que poderia ter sido interrompida de modo menos violento e de modo menos doloroso, de uma maneira mais agradável, mas não foi o caso. O destino, nesse caso, produziu para Ivan Ilitch uma tragédia pessoal extraordinária. Tragédia esta que o obrigou a parar pra pensar, que foi o advento da doença.

Na medida em que a doença não o deixava mais viver aquela vida quotidiana que ele vivia antes, aquela vida em que ele se aproximava da própria presença de loucura, alguém que produz uma vida absolutamente sem perspectiva de sentido nenhum, é aquilo que o Manuel Bandeira diz numa poesia que eu sempre sugiro que vocês leiam, que ele chama de “agitação feroz sem finalidade”.

A história da poesia é a de um defunto que passa num cortejo fúnebre, ele olha pro cortejo fúnebre – é a mesma história de Ivan Ilitch, no fundo, essa poesia de Manuel Bandeira –, e ele então chega à conclusão de que a vida das pessoas que não são aquele morto é uma agitação feroz sem finalidade, que parece ser isso a vida que o Ivan Ilitch levava, sem ser uma vida desonrada.

Veja, ele tem uma vida honrada, ele é uma boa pessoa, ele é honesto, ele tem alguma atitude de servir a uma causa, ele segue o seu dever, portanto tem uma honestidade implícita na sua própria atividade profissional, ele é um funcionário exemplar. O que não quer dizer necessariamente que a vida de Ivan Ilitch faça algum sentido.

Pois como ele é obrigado a pensar na vida com o advento da doença, ele permite que a perspectiva da morte possa dar o tamanho verdadeiro e real das coisas. As coisas só passam a ter o tamanho e a dimensão que de fato têm, frente à perspectiva da morte.

E a perspectiva da morte de Ivan Ilitch produz, quando a morte vem de fato, produz uma substituição de pólos. Você percebe que ele não sabe pra que que serve aquilo, encontra-se lá com o filho segurando a sua mão, no seu leito de morte, e de repente ele vê uma luz.

Se vocês me perguntarem que luz é essa, eu não sei, de fato. O que eu posso garantir pra vocês é que existem diversos graus de realidade. Quando você faz essa análise a partir da Kaballah judaica, por exemplo, você descobre que existem quatro graus mínimos de realidade.

Há a realidade material, física, essa em que nós vivemos, o mundo sensível. Há um segundo nível de realidade, chamado nível sutil, onde estão os elementais da natureza. Existe um terceiro nível, chamado nível angélico. E há um quarto nível, que é o nível divino.

A justificativa desses quatro níveis é absolutamente dedutível, porque quando você pega o Evangelho de São João, no qual há uma repetição do Gênesis – logo no início há uma recontagem da história do Gênesis – e quando você então olha pra história do Gênesis, do início do mundo contado aí, se você tiver capacidade de interpretar cada uma daquelas afirmações, você vai descobrir que a existência de quatro dobras de realidade são decorrentes da própria maneira como Deus criou o mundo. Nós não vamos entrar no mérito disso aqui, porque isso já é um assunto esotérico, é bem complicado, e é bem diferente do nosso assunto aqui. Mas a verdade é que ele, quando está completamente entregue e não tem mais nenhuma esperança, há uma espécie de redenção, que no livro aqui nos é contada como a visualização da luz e a destruição da morte. Quer dizer, a morte, na medida em que chega, destrói-se automaticamente a si mesma, porque é como se ele visse, mudasse de patamar existencial, seja o que quer que vocês queiram entender o que Tolstói imagina ser uma mudança de patamar existencial.

A verdade é que nós vivemos sempre dentro de uma espécie de mundo compreensível, de mundo racionalizável, esse mundo em que nós vivemos aqui, esse mundo ao qual nós insistimos em

aplicar critérios científicos para conhecer. Mas esse mundo é apenas o queijo e o presunto do sanduíche de um pólo superior, um pólo transcendente, uma espécie de mistério luminoso, e abaixo um pólo descendente, um pólo abissal, que é uma espécie de mistério abissal, uma espécie de mistério negro, de mistério demoníaco. Há, acima de nós, um mistério de luz, luminoso, e embaixo um mistério demoníaco. Esses dois mistérios estão o tempo todo nos perseguindo, a nossa existência é uma existência “ensanduichada” entre essas duas coisas aí.

A idéia de morrer é uma idéia de mudar talvez de nível de analisar esse pólo. Eu não queria entrar nessa especulação aqui, porque ela é bem complicada, e não é a questão mesmo de saber o que aconteceu com Ivan Ilitch depois que ele morreu, mas o que acontece pelo que o Tolstói nos diz é que ele de repente descobre alguma coisa que ele não sabia. É como se ele tivesse sido apresentado a um certo grau de mistério que antes ele não sabia. Ou seja, é como se para chegar a algum mistério luminoso, nós tivéssemos que passar pelo pólo abissal. É como se aquela morte, sofrimento que ele tenha sofrido tivesse necessariamente de preceder a descoberta de alguma coisa mais alta. Essa é uma proposição muito tolstoiana, que acha que a vida humana é isso mesmo, ela é uma espécie de sacrifício a partir do qual você chega a entender alguma coisa.

Mas perceba aqui que seja qual for o mundo que o Ivan Ilitch vai visitar depois da sua morte, no fundo, no fundo, o que está aqui dito nesta história que nos interessa entender é que a única perspectiva de compreensão da vida é a partir da compreensão da morte, a partir da aceitação da existência da morte. Ou seja, não se deve nessa vida fazer nada que não seja revogado pela perspectiva da morte, e esse é o coração dessa história.

Toda vez na vida – dentro daquela pressuposição de que nós estamos aprendendo com Tolstói a vivermos melhor, que era o conceito de cultura que se tem aqui nesse curso –, toda e qualquer ação humana só deve ser executada de fato se, ao ser confrontada com a possibilidade da morte, não ser automaticamente anulada e revogada por ela. Então a gente não deve matar ninguém, a gente

não deve produzir atos que prejudiquem os outros, enfim, é todo o conjunto de ordem moral que estabelece o comportamento humano.

Afinal de contas, o que o Tolstói está dizendo é que o que estabelece a existência da moral da vida é a perspectiva da morte e apenas ela – o que é uma coisa extraordinária, porque de modo geral se pensa o contrário. O Umberto Eco passou a vida inteira afirmando que a arte serve pra preparar o sujeito para a morte. Pois, olhando pela perspectiva do Tolstói, você chega à conclusão de que a morte serve para preparar a arte para a perspectiva da vida. Entenderam a diferença? Há uma diferença enorme entre você lidar com a morte como começo ou como fim. Pois o que o Ivan Ilitch descobriu é que a morte era a perspectiva inicial, desde o início era a que deveria ter sido eleita como tal. Ela não precede cronologicamente a vida, porque seria então uma coisa absurda, mas ela precede ontologicamente a vida. Vocês entendem essa diferença dessa precedência ontológica e cronológica? Por exemplo, você não vive pra comer, mas comer é uma condição necessária pra vida. Mas o fato de que você primeiro come e depois vive a sua vida não quer dizer que você viva pra comer. Então a comida que você ingere não é ontologicamente prioritária na sua existência, ela é alguma coisa condicionante da sua existência. Mas a sua vida não é pra comer, a sua vida é pra você fazer coisas notáveis, fazer poesias, conquistar os outros planetas, descobrir a cura do câncer, resolver aquele problema que você tinha com seu tio. Então a vida é pra fazer essas coisas. Agora, a alimentação é uma espécie de pressuposto para que isso aconteça.

Pois a morte, embora não seja o objetivo da vida, é o pressuposto da vida toda, porque é esta idéia central que vai permitir então que o Ivan Ilitch possa considerar o vazio da sua existência como sendo vazio; é esta idéia que faz com que ele perceba que todos estão iludidos em torno dele, e que ninguém tem a menor idéia do que está fazendo, como ele também não tinha quando estava fazendo antes – muito embora não estivesse fazendo coisas erradas, nem coisas más, mas eram coisas sem sentido –, e que, portanto, só a perspectiva da morte restaura a perspectiva da vida. Mas se você vive numa época em que a morte é tabu e não se pode falar nela –

não se pode falar na morte, é impossível, há uma tentativa de estender a juventude pra todos os tempos. Então o Mick Jagger tem 65 anos e tem filhos com modelos como se fosse um menino bobinho de 20 anos – e você olha pra cara do Mick Jagger, ele parece mais jovem do que todo mundo aqui. Mas o Mick Jagger tem 65 anos. E ele se veste como jovem. E as pessoas ficam velhas e em vez de serem sábias, vão lá pro Sesc da Terceira Idade, pra fingir que são jovens, e ficam lá então tentando participar das "Olimpíadas da Melhor Idade", não é assim? Quer dizer, há uma recusa sistemática da possibilidade da morte. E a possibilidade da morte, no entanto, é a possibilidade da vida, porque só a partir da perspectiva da morte que se pode então produzir alguma compreensão da vida. A morte – e essa é uma crítica constante na obra de Tolstói – é uma espécie de grande pedagoga. Não há nada mais pedagógico do que a morte. É esta a idéia central que a morte ocupa dentro de Tolstói, e essa é a razão pela qual ele escreveu este livro, que era pra nos contar que nós não temos o direito de fazer na nossa vida nada que, confrontado com a perspectiva da morte, possa ser revogado. Se a morte revoga o valor daquilo, não faça. É essa a idéia central que a gente precisaria guardar desta história chamada A morte de Ivan Ilitch. O processo só funciona de trás pra frente, e nunca de frente pra trás.

A libertação que Ivan Ilitch recebe no final é a libertação – há várias teorias sobre isso, que ele teria então compreendido a compaixão com o filho – é verdade, o filho, quem é que tem compaixão com ele? Só duas pessoas têm: que é o Guerrásim e o filho. Porque a mulher em princípio envolveu-se menos com a situação de doença do que o próprio empregado se envolveu; e a menina está preocupada com o casamento, então ela tem preocupações mais urgentes. É claro que pode-se imaginar que naquele ato final uma interpretação poética seria assim: "no momento final ele ainda percebe que foi amado, e é isso que faz com que ele possa sair desta vida bem", mas esta é uma interpretação muito sentimental para alguém como Tolstói, que, afinal de contas, quer criar uma seita mais inteligente do que a Igreja Ortodoxa e Católica juntas, que sabe mais do que a Igreja Católica e Ortodoxa juntas, que imagina que seja isso a solução. Na verdade Tolstói não é um

sujeito de religiosidade afetiva, ele não é um sujeito afetivo. Ele é na verdade um profundo racionalista, e é por isso que eu digo pra vocês que é preciso compreender um pouquinho Tolstói pra entender como foi que ele montou esse livro. Sem que essa compreensão possa produzir qualquer desmerecimento ou desvalorização da conclusão central do livro, que me parece ser este fator pedagógico que a morte produz, porque é esse fator que é capaz então de finalmente produzir um balizamento entre as ações da vida. As ações da vida só podem ser escolhidas a partir da perspectiva da morte.

Pense bem como isso tem conseqüências terríveis para a nossa existência. Daqui pra diante você só escolheria coisas na sua vida pensando na perspectiva da sua própria morte. Não sei se isso é fácil de fazer. Uma vez eu pedi para um grupo de funcionários de uma determinada empresa que fizesse o seguinte exercício, que cada um pegasse um pedaço de papel e escrevesse o seu epitáfio: "hoje morreu fulano de tal...", podendo inventar do que que morreu, fazendo com toda liberdade. Havia no Brasil um grande escritor chamado Antônio Carlos Villaça, que morreu há pouco tempo, que era o sujeito que escrevia epitáfios, porque ele era um dos maiores memorialistas que o Brasil já teve. Então você pega os melhores memorialistas: Joaquim Nabuco, Gilberto Amado, Pedro Nava e Antônio Carlos Villaça, são os maiores memorialistas do Brasil, aqueles sujeitos capazes de contar a vida e as reminiscências com uma autoridade extraordinária. Eu conheci o Villaça muitíssimo bem, dei muitos e muitos cursos com ele – já estava bem velhinho. E o Villaça era contratado pelos jornais – porque as pessoas morrem sem avisar, então tem que ter a nota fúnebre pronta, o necrológio. Então o Villaça escrevia tudo de cabeça. Uma vez eu vi o Villaça dar uma palestra assim: "no dia tal, de tal, de tal, na Rua não sei o quê, no 3º andar, apartamento 302, Gilberto Amado chamou a sua empregada fulana de tal e disse assim: "fulana, prepare um chá, que eu tomarei um chá e morrerei" e de fato Gilberto Amado morreu". Era um homem capaz de fazer coisas assim com uma serenidade e uma precisão espantosas. E o Villaça escrevia esses necrológios. E eu pedi que cada pessoa escrevesse o seu próprio, e uma boa quantidade de pessoas ficaram tão

horrorizadas, ficaram chocadas com a perspectiva de falar da morte que foram incapazes de fazer isso. O sujeito não consegue escrever na hora, porque a perspectiva da própria morte é indizível, ela é inaceitável.

E, no entanto, o que a novela A morte de Ivan Ilitch está nos dizendo é que a única maneira de fazer a vida fazer sentido é a partir do não sentido total da morte aparente, ou seja, o aparente não sentido da morte é que faz todo o resto fazer sentido, a partir dela para trás. Portanto, se há alguma coisa que nós deveríamos nos preocupar todo dia é pensar na nossa própria morte, e pensar se nós estamos tomando as ações que confrontadas à sua perspectiva, não são necessariamente e automaticamente repelidas e anuladas e rejeitadas. E essa é a idéia central que está aí. Isso, de alguma maneira, é a própria vida de Tolstói. Ele fez isto a vida inteira, ele jogou toda a fortuna fora, ele foi viver de eremita, ele abandonou tudo aquilo que parecia a ele que eram ilusões e foi fazer isso com ele mesmo.

O que a gente não deve julgar é que a fórmula de Tolstói tenha sido boa, porque, como eu disse no começo, nós temos que dizer que ela é sincera, então ele foi um sujeito coerente consigo mesmo. Em nenhum momento, ele, depois da sua conversão, depois daquele episódio daquela noite em que ele teve aquela experiência mística ele recuou nesse sentido. Ele teve uma vida que passou a ser coerente com esta idéia de ter uma vida que gerasse sentido o tempo todo, o tempo todo.

Mas o problema de Tolstói, no que ele se difere muito de Santo Agostinho, é que Santo Agostinho fez a mesma coisa, e a vida de Santo Agostinho é mais ou menos parecida com esta. Nós vamos ver no próximo encontro aqui, Santo Agostinho também, era uma pessoa como ele, andava na farra, naquela confusão, e sabia que estava errado, tanto é que ele dizia assim: “Senhor, dai-me o juízo, mas não agora”. “Dai-me a parcimônia, mas não agora”. “Dai-me a temperança, mas não tão rápido”. Isto Santo Agostinho dizia, vivia numa farra, eu não sei quanto é que a gente pode imaginar que dá pra fazer uma farra no norte da África no ano 400, mas alguma farra possível havia lá. De todas as informações, a mais anticlimática é

aquela informação que o ___ me deu de que naquela época o vinho era branco e doce. Já imaginaram a dor de cabeça no dia seguinte numa farra dessa? É igual a você ir em Santa Felicidade e tomar 20 jarrinhas daquele vinho lá do Madalosso.

Então Santo Agostinho também faz como faz, aliás, tudo que Tolstói faz é uma imitação de Santo Agostinho. Santo Agostinho escreve as Confissões, que nós vamos estudar aqui no próximo encontro, e Tolstói também escreve confissões, Minha Confissão, às vezes traduzida por apenas Confissão, e diz assim: “olha, eu fui um sujeito muito errado, eu tive uma vida muito ruim, eu andei farreando em tudo quanto é lugar, de São Petersburgo a Moscou todos me conheciam pela minha indisciplina, pela minha incapacidade de ser sério, no entanto, eu agora vou me voltar ao verdadeiro Cristianismo, e o verdadeiro Cristianismo é o Cristianismo de antes do advento da Igreja, quer dizer, antes que houvesse Igreja. Havia um Cristianismo natural, um Cristianismo básico e primário, que é esse que eu tenho que recuperar, porque esse Cristianismo que tem aí é uma porcaria, porque é apenas dominado pelos padres, pelos bispos, é uma espécie de estrutura de poder que nós financiamos. E a mesma coisa diziam depois os protestantes. Os protestantes queriam se livrar do Catolicismo por várias razões – o Lutero queria por razões de natureza doutrinal, é claro que depois os que vieram depois dele queriam poder político, que era muito diferente, mas o Lutero e o Calvino queriam voltar a um Cristianismo puro antes do estabelecimento da Igreja, quer dizer, o Cristianismo do tempo de Santo Agostinho.

Santo Agostinho mais ou menos começou a estabelecer como a Igreja ia ser. De todas as influências que a Igreja Católica teve a maior é a de Santo Agostinho. Ninguém teve tamanha importância na formatação do Cristianismo – não no Cristianismo em si, porque esse é Jesus Cristo –, mas na forma como o Cristianismo Católico passou a ter, de todos os contribuidores, Santo Agostinho tem o maior peso específico. E Santo Agostinho então faz a conversão, a mãe dele também se converte, a Mônica, e ele aí começa a produzir centenas de documentos, documentos esses que eram explicações de como deveria ser a doutrina cristã, e aí em torno a

essas explicações é que vai se estabelecendo o corpo doutrinal católico, digamos assim.

Tolstói não queria fazer nada disso. Tolstói achava que ele tinha que recuperar um Cristianismo que não havia mais, um Cristianismo que desapareceu no tempo por causa da conspiração das burocracias religiosas, como são os padres em geral. Veja, ele acha isso tudo ruim lá do Cristianismo Ortodoxo, ele não está falando de Roma, naquela bandalheira, porque em Roma era muito pior – tanto é que até hoje o Cristianismo Ortodoxo não fez o seu Concílio Vaticano II, quer dizer, os ritos ortodoxos ainda são os antigos, ainda há uma forte tradição que ainda domina a Igreja Ortodoxa. Se ele estivesse falando do Catolicismo, então acharia o fim do mundo. Ele tentou ainda procurar aquele starets que parecia a ele ainda uma espécie de reserva de espiritualidade, mas ele queria que o starets concordasse com aquela visão que ele tinha.

Veja bem, o Tolstói, como o Rousseau, como o Nietzsche, como o Kierkegaard são todos filósofos, pensadores que começam sempre com o método confessional de Santo Agostinho. Depois nós vamos ver no próximo encontro o quanto isso é importante que seja assim, até como perspectiva de auto-consciência. Mas ele faz a sua confissão, e depois, em vez de admitir que ele é um pobre pecador e, portanto, humilhar-se aos olhos de Deus, o quê que ele faz? Ele resolve, sozinho, em 1800 e não sei quanto – depois de 1800 anos que gente muito mais inteligente que ele quebrou a cabeça pra arrumar o quebra-cabeça, ele resolve achar que o Cristianismo verdadeiro é um conjunto de gente vestida como camponeses, que não comem carne de gado, e que não fumam e que só transam pra reprodução, mesmo quando casados. E é essa a idéia que Tolstói tem da vida. Essa idéia é completamente inaplicável, porque ela é uma idéia doidivanas completa, porque ele parte – e aí a grande diferença entre ele e Santo Agostinho –, é que Santo Agostinho parte de um ser humano que existe concretamente e é real, então Santo Agostinho dizia assim: “a matéria de que são feitos os vícios é a mesma matéria de que são feitas as virtudes”. Portanto a estratégia, digamos assim, de santificação pessoal de Santo Agostinho, é essencialmente você ir trocando de vício. Em vez de

você ser invejoso, que é um vício horrível e destrutível, você tem que ser ambicioso. Entendeu? Você vai trocando de vício e vai melhorando, mas no fundo, no fundo você sempre será um sujeito pecador, um sujeito meio sem solução e sem esperança nenhuma.

Mas Tolstói não imagina que exista um homem assim, ele imagina que os homens podem ser todos santos automaticamente, quer dizer, ele parte da existência de uma pessoa que de fato não existe. Ele na verdade não consegue problematizar o ser humano; ele não consegue entender a enorme complexidade que é a vida humana, que é muito melhor um sujeito que se esforça e fuma do que outro que não fuma e é um chato. A primeira lei antifumo do mundo foi feita pelo nazismo, e o Hitler era vegetariano. Então, é muito pior ter um sujeito como Hitler que era vegetariano e não fuma, do que ter um sujeito como o Norman Mayder (?), que fuma, bebe feito um desgraçado, mas que escreve bons romances.

O problema da vida humana é que ela não se esgota em aspectos aparentes e aspectos formais da existência humana. É por isso que no final das contas o que o Tolstói consegue fazer é apenas uma seita de quacres. Gente mais ou menos louquinha que inventa de existir dentro de um contexto típico assim do Inri Cristo mais ou menos. É claro que o Tolstói tem muito mais talento que o Inri Cristo, mas se você for pensar bem, é muito parecido. É um sujeito que diz que ele é que sabe como é que faz; ele portanto cria lá uma seita só pra ele; ele não consegue estabelecer uma autoridade no mundo, porque ele não produz milagres – porque quando Jesus Cristo diz que Ele tinha uma mensagem nova, Ele comprovava isto com atos concretos. Veja, a doutrina do Cristianismo não é uma doutrina baseada em doutrina, ela é baseada em atos. Ela é alguma coisa em que você acredita porque atos reais, concretos, aconteceram.

Mas todo maluco que vem aí e declara-se o messias, como é o caso desse Inri Cristo, que é apenas o caso das centenas que existiram durante a história, ele aparece com uma perspectiva que, no fundo, no fundo é uma perspectiva soberba, no fundo é uma perspectiva de substituição do saber dos outros pelo seu próprio. Quer dizer, Tolstói, como diz César Toná (?), é um sujeito que exige

uma pureza obscena; é um sujeito que exige uma perfeição impossível para o ser humano.

O que resta de toda essa história é você poder dizer assim: “Eu não presto, mas Jesus me ama”. Porque essa é a única perspectiva possível para o ser humano real, porque nós não vamos conseguir nos **desvencilhar** da nossa natureza pecadora – ela é natural e nos acompanhará a vida inteira, e, portanto, o que você precisa fazer é compensar os seus pecados com coisas boas, com atos extraordinários, porque um ato bom é um ato bom mesmo quando feito por um homem mau. Então se o Hitler tivesse salvado uma criancinha de um incêndio, esse ato não seria mau em si porque foi Hitler quem o praticou, mas continua sendo um ato bom, porque um ato bom será sempre um ato bom, mesmo quando praticado por alguém muito mau.

Portanto a vida humana não tem saída muito da perspectiva de convívio com esta imperfeição extraordinária de que nós somos feitos. E essa é a razão pela qual o Mário Ferreira dos Santos escreveu um livro chamado Cristianismo, a religião do homem, para demonstrar que o Cristianismo, de todas as religiões, é aquela mais adequada à nossa verdadeira natureza; e essa é a razão pela qual Chesterton escreveu o livro Ortodoxia, em que ele defende que toda vez que ele vai tentar alguma alternativa a isso, ele sempre acaba caindo...toda heterodoxia que ele tentou na vida sempre o jogou de volta nessa ortodoxia fundamental, que é uma ortodoxia muito antiga, e que o Tolstói não acha que deva cumprir, porque o Tolstói imagina uma fé racionalizada, e não é capaz de compreender a força do mistério.

Neste ponto ele é muito diferente do Dostoiévski, que é outro sujeito que tem todos os componentes de natureza religiosa envolvida na obra, é um sujeito que aceita a existência humana como imperfeição que é, e acha que é o sofrimento que faz com que a gente saia dessa. Ou seja, o Dostoiévski parece muito mais com o Ivan Ilitch do que o Tolstói, porque é o sofrimento que faz a possibilidade da percepção das coisas. Na verdade isso sempre foi assim, porque a própria idéia que está na literatura, que diz que é preciso passar pelo inferno pra ir pro céu é essa idéia. Dante

Alighieri passa pelo inferno para poder chegar no céu; o Ibn Arabi dizia que o trono do diabo está entre a Terra e o Céu – o trono do diabo fica no meio. E essa é a idéia de todas essas obras de natureza de abismo, sempre é preciso ir para o abismo para chegar no céu. É como se o céu só aparecesse como contraste. Você só percebe o pólo luminoso por contraste ao pólo abissal, porque no modo como nós estamos aqui, num meio-termo, é como se

1h15min